

**Graciliano Ramos » Roger Bastide**

Permitam-me aproveitar a reedição, pela José Olympio, no Rio de Janeiro, das obras completas de Graciliano Ramos, precedidas por uma notável introdução de Antonio Candido para voltar à obra deste escritor, cuja importância havíamos apenas apontado rapidamente em crônicas anteriores.

Graciliano Ramos nasceu na região do Brasil que os geógrafos chamam de “polígono da seca” e teve uma infância isolada, fechado em si mesmo, num mundo hostil, mundo do sol assassino, mas também mundo de homens fortes e rústicos; contou sua infância dolorosa numa autobiografia um pouco romanceada que foi traduzida em francês, pela Gallimard (coleção “Croix du Sud”) e que pode se resumir numa palavra: o aprendizado da injustiça. Foi para lutar contra isso que se tornou escritor.

Seu primeiro trabalho, *Caetés*, é curiosíssimo. O herói do livro escreve um romance sobre os índios da tribo caetés e vive tão bem na intimidade de seus personagens que a todo momento os mescla à sua própria existência de homem do século xx, o que nos revela, de certa forma, dois romances superpostos: um romance naturalista que descreve os aspectos mais cotidianos da vida interiorana, que analisa minuciosamente, mas com grande segurança de estilo, o comportamento de gente simples; e um romance psicológico, o do herói, que vê as pessoas que o rodeiam através de uma espécie de “inconsciente selvagem” ou se preferirmos, de sensibilidade indígena. Embora Antonio Candido considere *Caetés* um exercício de técnica literária, confesso que gosto muito deste primeiro romance, que, mesmo imperfeito, constitui uma obra única na literatura brasileira por causa desta união de dois romances em um.

O segundo trabalho de Graciliano Ramos, *São Bernardo*, é, ao contrário do primeiro, um romance clássico, que poderia ser comparado a certos romances de Balzac ou a certos romances ingleses como os de Galsworthy. É a história de um homem ligado à sua propriedade, capaz de tudo por ela; ele se casa e considera sua mulher exatamente como antes considerava seus campos, não como uma companheira, mas como um objeto que lhe pertence, que é sua “propriedade” da mesma forma que sua fazenda. Daí um ciúme sem razão nem causa, mas que, devastador, o destrói lentamente e termina por coagi-la à morte. Em suma, é o encontro do eu e do “outro” que serve de fundo a *São Bernardo* e veremos que o problema do outro constitui o nó em torno do qual se articula todo o pensamento de Graciliano Ramos.

*Angústia* constitui a transição entre o período romanesco e o período autobiográfico. É, na verdade, um vasto monólogo interior e este monólogo interior é, no fundo, sob forma romanceada, um mergulho do autor na sua própria vida, na sua infância oprimida, nas suas experiências políticas, na sua busca de uma impossível comunhão com os outros. Embora Graciliano Ramos certamente não tenha pretendido escrever um romance freudiano, encontramos em *Angústia* uma extraordinária análise da frustração sexual, passando à neurose (Luís da Silva passa o tempo todo lavando suas mãos como se quisesse tirar a marca do pecado) e depois ao crime. Crime que não é uma fuga, mas uma realização: um esforço para se reabilitar aos seus próprios olhos, para se liberar da angústia do homem frustrado. Embora nunca seja dito que esta angústia é de origem sexual, esta origem aparece ao leitor pela utilização de símbolos fálicos que acompanham o herói ao longo da vida: a cobra quando era criança, os canos do fogão de seu quarto de homem solitário, e, finalmente, a corda que será utilizada para o crime. Estes três objetos revestem-se em *Angústia* de um caráter alucinatório que certamente faz deste livro a obra-prima de nosso escritor.

Graciliano Ramos sai esgotado deste romance. Descobriu-se a si mesmo e tem medo. Primeiro quer fugir deste encontro com seu eu, voltando ao romance naturalista, à psicologia do comportamento, em lugar do monólogo interior que lhe revela, à sua própria revelia, seu ser verdadeiro, à descrição da natureza, para se afastar mais da tentação de se descobrir e escreve então *Vidas secas*, coletânea de contos sobre o drama da seca. É sabido que, mais ou menos a cada dez anos, secas terríveis devastam o sertão do nordeste brasileiro; os pontos de água secam, o pasto morre, as árvores transformam-se em esqueletos, a terra se greta; o gado agoniza e o homem é obrigado a fugir para o litoral, esperando que as próximas chuvas façam reverdecer o deserto. *Vidas secas* conta a vida desses errantes escapando da morte sob um céu implacável, numa paisagem de cactos espinhosos. Mas é em vão que Graciliano Ramos sai do seu eu, são ainda seres “frustrados” que encontra e pouco importa que a frustração seja aqui de origem externa, um efeito do clima e não mais um fracasso psicológico, pois de qualquer forma não se sai do fracasso.

O melhor ainda é, portanto, ter a coragem de se encarar com lucidez e Graciliano Ramos escreve então sucessivamente, antes de morrer, dois fragmentos de sua autobiografia, *Infância* e *Memórias do cárcere*. *Infância* é o encontro com a injustiça, são as surras de cinta que marcam seu corpo quando nada tinha feito

de errado. *Memórias do cárcere* é a condenação por adesão ao comunismo, embora sua entrada no partido representasse, de sua parte, a tentativa de comunhão com seus irmãos miseráveis. Mas, por um trágico paradoxo, nele o comunismo se alia, como bem viu Antonio Candido, ao desprezo pela humanidade e, neste sentido, não se pode deixar de pensar na frase dos *Irmãos Karamazoff*: “Nunca pude entender como o amor do próximo é possível. É exatamente o próximo, acho, que não se pode amar... É preciso que um homem fique escondido para que se possa amá-lo; basta que mostre o rosto e o amor desaparece.” Em frente dos outros homens que, no barco, com ele, acorrentados no mesmo porão sujo, vão para a prisão, Graciliano “enrijece seu corpo, não comendo nem eliminando nenhum alimento... Resiste tenazmente ao meio, nega suas leis e encontra um equilíbrio precário, mas decisivo, nas folhinhas de papel em que, escrevendo, afirma sua autonomia espiritual”

Assim, é num fracasso que se encerra a carreira literária deste grande escritor, fracasso da comunhão com o outro. Mas este fracasso é também o signo de uma vitória, pois, com todo o sofrimento, escreveu uma das obras mais notáveis da literatura brasileira contemporânea. Das mais notáveis e também das mais originais pelo seu estilo. A frase brasileira permaneceu uma frase latina, que, conseqüentemente, tende para o período oratório, para a frase harmoniosa, é verdade, mas cheia de proposições ou subjuntivas. Ruy Barbosa é o mestre deste estilo, que lembra um pouco Bossuet; mas em formas mais ou menos análogas, é encontrado ao longo da literatura brasileira, do romantismo ao romance naturalista. Graciliano Ramos pertence, ao contrário, à família de la Bruyère ou de Voltaire; suas frases são curtas, secas e cortantes. Secas como o solo calcinado do sertão em que nasceu e cortantes como estas plantas com espinhos que crescem neste deserto de cascalho e terra queimada. Economiza palavras como na prisão economizava alimentos e excrementos. Despoja seu estilo de todos os elementos acessórios, que agradam a tantos compatriotas seus: a acumulação de adjetivos saborosos, o jogo de imagens brilhantes, para levá-lo ao essencial, e por isso certamente ocupa um lugar à parte no mundo da criação, sem ter, ao que parece, até agora, encontrado imitadores ou discípulos. Mas nosso Léautaud certamente teria gostado dele...<sup>1</sup>

Fevereiro de 1958

[Trad. Glória Carneiro do Amaral]

1 Roger Bastide foi responsável pela seção “Lettres brésiliennes” da revista *Mercure de France* de 1948 a 1965. Nesta crônica sobre Graciliano, nota-se um procedimento adotado em quase todos os artigos de estabelecer paralelos com a literatura francesa para facilitar a compreensão de um público francês pouco conhecedor da nossa literatura. E para nosso público brasileiro uma pequena nota. Paul Léautaud (1872-1956), mencionado no fim do texto, também colaborou como crítico teatral para o *Mercure de France*. Escreveu um longo diário, praticamente durante toda a sua vida, de publicação em grande parte póstuma. Talvez essa obra autobiográfica tenha motivado a observação de Bastide de que certamente teria apreciado os romances de Graciliano Ramos.